

BRIANNA, MARIA E O MITO DA “PRETA RAIVOSA”: uma análise discursiva da linguagem de mulheres negras.

Letícia Gabriella Batista da Silva (IC) e Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Este trabalho traz, como objetivo, uma reflexão sobre o mito difundido culturalmente de que mulheres negras são mais agressivas em relação às demais, além de buscar responder quais são as pressões sociais, advindas desse mito, que condicionam a personalidade dessas mulheres. Para isso, foram utilizados trechos da obra *Na Hora da Virada* (2019), da escritora Angie Thomas, e o conto *Maria*, escrito por Conceição Evaristo e publicado na coletânea *Olhos D'Água* (2014), examinados segundo as contribuições de estudiosos sociais, como Angela Davis e bell hooks, e pensadores da semiótica discursiva, como Denis Bertrand. Neste artigo, é possível encontrar um resumo histórico dos motivos que levam à opressão de gênero e raça, com argumentos baseados na ideia de interseccionalidade. Além disso, a pesquisa também traz uma análise dos trechos dos objetos de estudo, utilizando o *Percurso Gerativo de Sentido* de Algirdas J. Greimas, para corroborar com a discussão sobre essas opressões, e um debate sobre os caminhos possíveis para uma mudança de perspectiva e um futuro mais igualitário.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Racismo. Semiótica.

ABSTRACT

The main goal of this work is reflecting upon the culturally disseminated myth that black women are more aggressive towards others, in addition to seeking the answer as to what are the social pressures arising from this myth that condition the personality of these women. To achieve that, there have been used excerpts from the work *On The Come Up* (2019), by the writer Angie Thomas, and the short story *Maria*, written by Conceição Evaristo and published in the collection *Olhos D'Água* (2014), examined according to the contributions of social scholars such as Angela Davis and bell hooks, and thinkers of discursive semiotics such as Denis Bertrand. In this article it is possible to find a historical summary of the reasons that lead to the oppression of gender and race through intersectionality. In addition, the research also brings an analysis of the excerpts of the objects of study using Algirdas J. Greimas's *Generative Path of Sense* to corroborate the discussion about these oppressions and a discussion about the possible paths for a change of perspective and a more egalitarian future.

Keywords: Intersectionality. Racism. Semiotics.

1. INTRODUÇÃO

Os discursos preconceituosos são uma realidade muito comum na sociedade atual, que é sustentada por ideais capitalistas e patriarcais. Ao longo do tempo, foram criados padrões, estéticos e sociais, cada vez mais irreais, como forma de incentivar o consumo e auxiliar na manutenção do poder. Fugir a esses padrões tem, quase sempre, como consequência, a segregação nas interações sociais.

Aos poucos, com os estudos contemporâneos, pessoas e grupos estão se organizando política e socialmente em movimentos que lutam para questionar esses moldes e reverter essa situação, na busca de uma sociedade com menos preconceito e mais equidade. Mas, por se tratar de uma estrutura secular, esses movimentos encontram, a todo momento, obstáculos sustentados pelo conservadorismo.

O desenvolvimento dessa pesquisa é baseado no estudo de dois preconceitos e dos estereótipos produzidos por eles. O primeiro é o machismo, que titula o ideal da desigualdade entre os gêneros, considerando a superioridade masculina sobre a mulher, e o segundo é o racismo, que usa a raça como critério para superioridade e discriminação.

Quando falamos sobre estereótipos causados pelo machismo, é comum pensar em comportamento feminino. As formas como as mulheres devem agir, falar e até pensar são calculadas e construídas há muito tempo, do ponto de vista histórico. À mulher, são reservadas atitudes passivas para performar uma suposta “feminilidade padrão” e agir de acordo com o esperado para conviver de forma pacífica em sociedade. Mas, ao adicionar o racismo, essa construção se torna ainda mais refinada, sendo usada como instrumento de controle social. Mulheres negras permanecem sendo negligenciadas e, mesmo seguindo todos os outros padrões, têm sua liberdade de viver coibida, assim como a sua linguagem continua a ser cerceada por palavras de ordem.

Os estereótipos e suas consequências para o individual e o coletivo serão abordados nesta pesquisa por meio de duas obras literárias. A primeira é “Na Hora da Virada”, da escritora Angie Thomas, que conta a história de Brianna, cujo sonho é se tornar rapper. Na história, quando ela compõe uma música que exprime seus sentimentos, precisa lidar com a reação negativa das pessoas às suas palavras. A segunda obra é o livro de contos “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo, com foco no poema intitulado “Maria”, em que uma dona de casa faz sua última viagem de ônibus do trabalho para casa.

Utilizando a aplicação da semiótica discursiva, serão analisados textos que nos permitirão questionar certos sentidos naturalizados para, em uma segunda etapa, desconstruir os padrões socialmente estabelecidos, visando significações mais igualitárias em relação às questões raciais e de gênero.

Os estudos que trabalham com interseccionalidades (AKOTIRENE, 2019) demonstram que existe uma grande diferença de tratamento entre mulheres brancas e não brancas na sociedade, fruto de uma estrutura construída desde o período colonial. Essa desigualdade é notada também em como essas diferentes mulheres se comunicam, como expressam sua linguagem para o coletivo e como constantemente seu dizer é questionado pelo padrão socialmente instituído (RIBEIRO, 2017).

Há muitos anos, como consequência do preconceito, é disseminado o que chamamos de “mito da preta raivosa”. Basicamente, esse mito veicula a ideia de que mulheres negras são mais agressivas e intimidadoras. Por esse motivo, elas são ensinadas, desde a infância, a falar pouco, a não utilizar palavras ofensivas em nenhum ambiente e a ter uma postura corporal submissa.

Essa situação nos leva a refletir sobre a origem desse mito, que conduz à principal pergunta a ser respondida por este estudo: por que mulheres negras precisam transformar sua linguagem e seu comportamento (social e linguístico) para se encaixar na sociedade? Em outras palavras, quais são as pressões sociais, a serem observadas discursivamente, que levam mulheres negras a aderirem a um modo específico de falar?

Observamos uma escassez, que vem sendo suprida aos poucos, de pesquisas no âmbito dos estudos discursivos que evidenciem as disparidades sociais e suas consequências para o coletivo, além dos efeitos individuais causados nas vítimas dessa desigualdade.

Por meio da luta feminista, foi possível começar a observar uma melhor recepção dos discursos na questão de gênero, mas, com os estudos das interseccionalidades, há um foco maior em outros temas, como raça e classe. Assim, dados mostram que mulheres negras estão na base da pirâmide social e econômica (SOARES, 2009), fato que pode ser observado desde o fim do período escravista, em razão da falta de amparo e da manutenção dos sistemas de opressão patriarcais e capitalistas. Por esse motivo, são subjugadas e controladas desde o nascimento, moldando sua linguagem de forma a pertencer ao ambiente social.

Levando em conta esse pensamento, a pesquisa desenvolverá análises que mostrem como abordar tais questões para aumentar a compreensão dessa problemática, para, a partir de então, possibilitar mudanças reais na estrutura social que visem uma maior igualdade social.

O objetivo geral deste estudo é responder como os modos alterados de se expressar são representados nas obras a serem examinadas e quais os sentidos sociais veiculados por esses discursos. Como objetivos específicos, este projeto almeja:

- a) Examinar a diferença de tratamento dado às mulheres negras em relação às demais — seja na esfera profissional, acadêmica, familiar ou até política —, que acaba por condicionar, desde a infância, a retração da personalidade dessas mulheres, que têm medo de se impor sobre suas convicções e serem desconsideradas por causa de sua cor, tal como o racismo estrutural faz (ALMEIDA, 2018).
- b) Além dos pontos previamente citados, essa pesquisa busca tanto analisar o funcionamento do preconceito que leva à desigualdade, por meio dos objetos de estudo, como também identificar e pontuar os possíveis caminhos a serem seguidos em direção a uma mudança de perspectiva.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A semiótica discursiva, elaborada por Algirdas Julien Greimas e desenvolvida por diversos colaboradores, tem por objeto a significação. Assim, segundo Bertrand (2003, p.15), ela parte da “unicidade” da significação, seja qual for a linguagem que a manifesta. A semiótica propõe um modelo teórico para se analisar a constituição da significação para o ser humano. Em outras palavras, esse estudo examina, inicialmente, o que o discurso diz e como diz. Para se realizar a organização de um discurso, a semiótica postula que a significação é constituída por etapas de complexificação do sentido, partindo do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, no que é conhecido como Percurso Gerativo do Sentido. Desse modo, a significação é gerativa, ou seja, percorre as três etapas que estão alinhadas em termos de maior ou menor complexidade da configuração do sentido: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo (BARROS, 2011).

O nível fundamental articula as unidades mínimas da significação, cuja existência se estabelece por meio de suas relações de oposição e de negações lógicas que formam uma rede não-estática entre os termos, denominada quadrado semiótico. No quadrado, os termos se tornam valores a partir do momento que um discurso projeta uma *foria*, ou seja, uma maneira de se relacionar com o valor, tornando-o eufórico (positivo) ou disfórico (negativo).

No nível narrativo, os termos do quadrado semiótico se tornam objetos de valor, o ponto central da narrativa de um sujeito que parte em busca de uma relação com esses valores. O nível narrativo é composto por quatro etapas distintas, mas mutuamente implicadas: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Na primeira etapa, temos um destinador-manipulador, cuja função é fazer-fazer, ou seja, fazer o outro fazer. Por meio de um repertório diversificado, mas limitado (sedução, tentação, intimidação, provocação), de estratégias, o destinador-manipulador procura fazer o destinatário aceitar

um contrato fiduciário, ou seja, um contrato imaginário baseado em uma suposta confiança. A partir daí, passa-se para a segunda etapa, a competência, na qual o destinatário, já convertido em sujeito, deverá estar investido de elementos modais que o permitam realizar o seu fazer (que caracteriza a terceira etapa da narratividade neste modelo, ou seja, a performance). Assim, o sujeito deve ter, inicialmente, ou um querer-fazer ou um dever-fazer, para um primeiro movimento em direção à ação, mas também necessita de um poder-fazer e de um saber-fazer, suas condições de realização da ação e de uma dimensão cognitiva compatível com seu projeto de ação, respectivamente. Se estiver com todas as modalidades necessárias, o sujeito finalmente parte para a ação na terceira etapa do modelo. Assim, na performance, ele procurará entrar em conjunção como o objeto de valor, uma vez que, de um modo geral, é a disjunção, ou seja, a separação do objeto de valor, que o leva a entrar em ação. É nesse momento que, muitas vezes, entra em ação o antissujeito, seu oponente, que disputa o mesmo objeto de valor. Saindo vitorioso dessa contenda, e estando em conjunção com seu objeto de valor, o sujeito entra finalmente na quarta etapa, que é a sanção. Nesse momento, o destinador torna-se um julgador da ação do sujeito. Assim, ele deve ser reconhecido como sujeito competente e cumpridor de sua parte do contrato fiduciário (sanção cognitiva) e, conseqüentemente, receberá seu prêmio por isso (sanção pragmática).

O nível discursivo se caracteriza por uma conceitualização da organização narrativa e de seus valores, assim como pela possibilidade de um recobrimento figurativo que remete à identificação de elementos que fazem parte da realidade perceptível. Assim, o nível discursivo é aquele que comporta, de um lado, temas e figuras, ou seja, os conceitos e ideias abstratas e suas imagens, respectivamente, e, de outro, os atores, tempos e espaços projetados nos discursos pela instância enunciativa, ou seja, um enunciador.

Segundo Bertrand (2003), os textos literários têm uma racionalidade figurativa. Em outras palavras, o semiótico francês quer dizer que o discurso literário se constrói em torno de um duplo desenvolvimento coerente de sua figuratividade: de um lado, a coerência é interna, ou seja, ela mantém a liga que sustenta o desenvolvimento do enredo; por outro, ela é externa, na medida em que nos remete, por meio do que ele chama de uma “impressão referencial” (BERTRAND, 2003, p.193-194), a elementos do mundo natural.

Desse modo, é por meio da figuratividade que podemos, na leitura que a teoria semiótica propicia, acessar níveis mais abstratos de leitura, em que os discursos literários mobilizam percursos temáticos, organizações narrativas e afirmações ou negações de determinados valores que vão confrontar ou afirmar a visão de mundo tanto do seu autor como do próprio leitor, nesse movimento de desvelar e conhecer o mundo que a literatura nos oferece.

Em seus estudos sobre discursos intolerantes, Barros (2008) mostra que o preconceito é produzido, entre outras etapas, por uma sanção que é aplicada a sujeitos que não cumprem com o contrato social estabelecido enquanto uma norma. Aplicando essa ideia nesta pesquisa, podemos pensar que os sujeitos que têm o gênero ou a raça divergente da norma da sociedade (predominantemente branca e masculina) são sancionados negativamente por não estarem “integrados” adequadamente a essa mesma norma. Assim, a semiótica nos possibilita estudar questões sociais pelo viés do exame da organização discursiva dos objetos selecionados, conforme observamos na próxima seção.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste projeto será baseada na análise de fragmentos de dois livros. O primeiro é “Na Hora da Virada”, da autora Angie Thomas, que tem Brianna como personagem principal. Angie Thomas é uma mulher afro-americana que aborda o racismo em suas obras, e é conhecida mundialmente por seu livro de estreia, “O Ódio que Você Semeia”, adaptado para filme no ano de 2018.

O segundo objeto analisado será o conto “Maria”, da coletânea “Olhos D’água”, escrita por Conceição Evaristo. A autora brasileira é conhecida por trazer um viés poético a textos que tratam de assuntos densos e profundos, além de apresentar o conceito de “escrevivências”, que demonstra o papel das experiências pessoais empregadas em sua arte. Nesse conto, Maria narra uma história cotidiana, seguindo a trajetória da volta para casa de uma mãe de família periférica.

Os dois textos se focam na trajetória das protagonistas, carregada de preconceito e dor, que dá o tom às histórias. Brianna é, por inúmeras vezes, considerada descontrolada e histérica ao se impor diante das injustiças de sua vida. Já Maria, que estava simplesmente seguindo sua rotina, sofre consequências, por um ato alheio à sua escolha, baseadas apenas na estrutura racista que a cerca. A escolha dos objetos se baseia nessa trajetória, com a finalidade de, por meio dos estudos semióticos, trazer reflexões atuais sobre temas discutidos incansavelmente através dos anos.

O artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e analítico. A autora buscou analisar os discursos presentes nos objetos selecionados para refletirmos sobre os seus efeitos na sociedade. Toda a pesquisa foi feita por meio do levantamento bibliográfico dos livros e artigos citados nas referências bibliográficas para embasar esta investigação.

Do ponto de vista da análise, os seguintes temas são depreendidos a serem mais bem desenvolvidos por meio da semiótica: o tema da rejeição, do preconceito e da

discriminação dos outros (desconhecidos, familiares, professores etc.), mas ao mesmo tempo o tema da compreensão, da empatia e da solidariedade dos iguais.

Por fim, é desejado que a pesquisa possa contribuir para a discussão a respeito das representações de grupos minorizados, das formas de combater o preconceito que determinados estereótipos veiculam, assim como outras formas de representação dos mesmos grupos sociais focados neste trabalho, em vista de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a diferença não seja um marcador social negativo veiculado por discursos socialmente naturalizados.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O Mito da Preta Raivosa, de acordo com Suzane Jardim, “coloca a mulher negra como perigosa, instável, dominada pelas emoções, incapaz de agir racionalmente, como alguém que merece a solidão e que não ligará para isso pois é muito forte e não precisa do mínimo carinho, cuidado ou atenção” (JARDIM, 2016, n.p.). Isso significa que a mulher negra, ao adentrar um espaço, carrega consigo este estereótipo e será vista dessa forma, independentemente de como ela se apresente ou de sua personalidade individual.

Existem diversos fatores que constituem essa percepção, em sua maioria profundos e estruturais. Apesar disso, o mundo como conhecemos hoje, com seus instrumentos de poder — e seus preconceitos — bem definidos, não é tão antigo quanto parece. Muito de nossa cultura, nossos valores e nossos costumes foram construídos para satisfazer um projeto jovem, que realiza com sucesso a manutenção desses pilares.

Para reconhecer e destrinchar esta estrutura de forma mais clara e abrangente, é preciso trabalhar com a interseccionalidade, reconhecendo cada uma das bases e suas relações no produto final — neste caso, o mito colocado sobre as mulheres negras na sociedade. Angela Davis, em um artigo do portal Geledés intitulado *As mulheres negras na construção de uma nova utopia*, diz:

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (DAVIS, 2011, n.p.)

Neste excerto, Davis nomeia os três principais pilares utilizados nesta análise — raça, classe e gênero, mostrando como se relacionam. Levando-os em conta, podemos visualizar seus primeiros passos, que acompanham, basicamente, o crescimento e o aperfeiçoamento dos ideais capitalistas.

Quando pensamos no conceito de raça na sociedade atual, é preciso observar sua raiz etimológica. “Seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (ALMEIDA, 2019). Seguindo essa ideia, podemos concluir que não houve a busca por este tipo de classificação antes da expansão econômica na Europa e da invasão de novos territórios, pois o conhecimento de novas culturas e novos povos fez com que surgisse o ideal filosófico, amparado no iluminismo e na busca de compreender o homem em suas diferenças, de homem universal *civilizado* e seu oposto, o homem *selvagem*. Essa oposição é, inclusive, uma das bases da chamada Modernidade, cujo advento e hegemonia do exercício da razão fez com que surgissem mitos culturais com implicações sociais como o que estamos estudando.

Após o pensamento filosófico de raça, chegamos ao século XIX, que trouxe o positivismo e, com ele, o determinismo biológico. Isso fez com que estudiosos e intelectuais se baseassem no chamado racismo científico para disseminar a ideia da diferença entre o homem ideal, branco e europeu, do restante do mundo, usando-o, também, como justificativa para o colonialismo, numa busca de trazer liberdade e civilizar povos e culturas. Esses ideais foram importados e acolhidos no Brasil, como cita Lilia Moritz Schwarcz em sua obra *O espetáculo das raças* (1993), por intelectuais da elite, como forma de fundamentar suas crenças nas diferenças sociais e realizar a manutenção desse modelo colonial na sociedade (SCHWARCZ, 1993).

O uso do gênero como instrumento de poder social, por sua vez, pode ser observado desde a antiguidade. Com o avanço das sociedades, que deixaram de ser nômades, foram estabelecidos os conceitos patriarcais, em que o homem era o líder, tanto de seus servos — considerando sociedades como a Roma Antiga — quanto da própria família. Esses conceitos se aprofundaram ainda mais durante a industrialização, quando “a experiência de realizar um trabalho produtivo foi roubada de muitas mulheres brancas” (DAVIS, 2016, p. 24), já que as fábricas têxteis, de maioria feminina, deram lugar às grandes indústrias, e a ideologia da feminilidade se popularizou. Apesar disso, essa ainda não era a realidade das mulheres negras, que, entre o seu povo, mesmo escravizadas, acabavam por não seguir os padrões do resto da sociedade. Em *Mulheres, Raça e Classe*, Angela Davis nos dá uma melhor visão sobre essa realidade:

Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podiam corresponder aos padrões da ideologia dominante. (DAVIS, 2016, p. 25)

Podemos considerar o tratamento reservado às mulheres negras no período colonial como contraditório, de certa forma, o que acabou por tornar as consequências no mundo moderno muito mais dolorosas e profundas para elas. Ao mesmo tempo em que realizavam os mesmos trabalhos e sofriam os mesmos castigos que os escravos homens — e, entre sua comunidade, eram tratadas de forma mais igualitária, já que a supremacia masculina entre os escravizados prejudicaria a classe proprietária de mão de obra escrava (DAVIS, 2016) —, as mulheres negras também eram sobrecarregadas com outros trabalhos, como domésticas e amas de leite, e sofriam outros castigos, que só poderiam ser infligidos a elas, como o abuso sexual e a reprodução forçada.

A luta pelo fim do período escravista, que se movimentou de forma contemporânea a muitas lutas do feminismo branco, foi, em diversos momentos, defendida pelas mulheres brancas, que acreditavam na semelhança de sua própria opressão com a dos escravizados. Apesar disso, mesmo nesses espaços de construção revolucionários, as mulheres negras ainda eram deixadas de lado, sempre combatendo tudo e todos para se fazerem ouvir.

Essa conjunção de tudo o que mencionamos anteriormente trouxe o que podemos considerar a base do mito da preta raivosa, considerando que as mulheres negras eram vistas como fortes o bastante para realizar funções físicas delegadas aos homens, ao mesmo tempo em que foram inferiorizadas em todos os momentos em que tentavam se igualar em suas lutas e pautas. Por esse motivo, estudiosas dessa dinâmica da opressão sexista e racista durante a escravidão, como bell hooks, acreditam que é preciso olhar pelo viés da “masculinização de mulheres negras e não de emasculação de homens negros” (HOOKS, 2015), como tem sido feito até hoje.

4.1. NA HORA DA VIRADA – RESUMO

O livro “Na Hora da Virada”, de Angie Thomas, conta a história de Brianna, uma jovem da periferia que tem o sonho de se tornar uma rapper conhecida mundialmente. Bri vive em meio às adversidades desde a infância, quando perdeu seu pai, uma lenda do hip-hop, assassinado por uma gangue, e precisa passar um longo período longe de sua mãe, na época viciada em drogas.

No presente, além de lidar com as dificuldades financeiras cada vez maiores de sua família, Brianna precisa enfrentar a hostilização constante na escola em que estuda. A jovem tem problemas sucessivos com os professores por ser considerada difícil de lidar, já que costuma não se calar diante de injustiças. Essa situação atinge seu ápice quando ela é acusada de contrabando, após ser barrada e jogada no chão pelos seguranças do colégio por carregar chocolates em sua mochila, e passa a ser tratada como traficante.

Para lidar com toda a sua ira decorrente dessas circunstâncias, Bri decide lançar uma música, que *viraliza* e passa a ser usada como símbolo de revolta dos estudantes negros contra o racismo. A canção é considerada hostil e recebe retaliações, tanto da mídia quanto das gangues de seu bairro. A partir desse momento, Bri precisa lidar com as consequências de sua explosão e de ser uma mulher negra que não aceita ser silenciada.

4.2. MARIA – OLHOS D'ÁGUA – RESUMO

A história desse conto acompanha Maria, uma empregada doméstica que, todos os dias, faz a mesma viagem para casa. Ela carrega consigo algumas frutas e alimentos, sobras de uma festa de sua patroa, e sobe no ônibus que a levará para casa e para seus filhos.

Uma mudança em sua narrativa habitual acontece quando um assalto é anunciado durante o trajeto, e Maria lida, surpresa, com o fato de que um dos assaltantes é o pai de seu filho, que não via há anos. O homem se levanta e anuncia o roubo após uma conversa aos sussurros com a doméstica, e deixa o veículo sem assaltá-la.

Isso causa revolta nos outros passageiros, que acreditam que ela é cúmplice do crime. Maria é, então, hostilizada, ouvindo diversos xingamentos que, quando respondidos, se tornam agressões físicas, culminando em sua morte.

4.3. PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

As situações expostas no livro *Na Hora da Virada* e no conto *Maria* são exemplos que demonstram a ligação intrínseca da atuação do machismo e do racismo, utilizando Brianna e Maria como objetos. Em alguns trechos, analisados a seguir, podemos ver tanto o que a sociedade espera de uma mulher negra, quanto os resultados de ir contra o esperado.

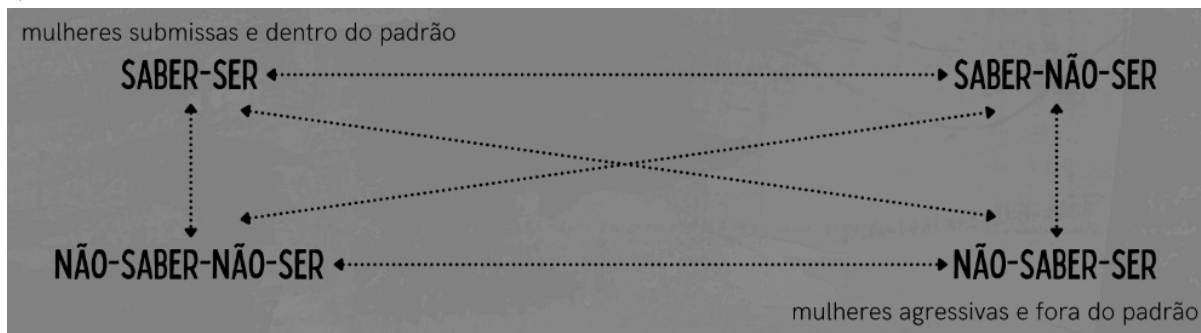
O nível fundamental, primeiro nível do Percurso Gerativo de Sentido (PGS), apresenta os valores por meio da oposição liberdade versus opressão, em que a liberdade representa a estrutura eufórica e a opressão representa a disfórica.

O sistema vigente carrega consigo o pacto da branquitude e as opressões estruturais, demonstradas em todos os trechos analisados. Existe um contrato social não-verbal que espera que a mulher negra seja passiva e submissa em toda a sua vida, independentemente dos seus sentimentos e da situação. Caso não seja, é reconhecida imediatamente como agressiva e encaixada no estereótipo de raivosa. Nesse caso, a opressão é caracterizada por este contrato, fazendo com que existam maneiras adequadas para se portar e se comunicar, enquanto a liberdade é simbolizada por sua quebra, por meio de ideais de

revolução, como os protestos de Na Hora da Virada, e de uma sociedade sem preconceito, com esperança para o futuro.

Utilizando a Modalização do saber-ser, com a estrutura modal do não-saber-ser, projetada no quadrado semiótico, temos a seguinte representação (GREIMAS, 2014):

Quadrado Semiótico do Mito da Preta Raivosa



Produzido pela autora com dados da obra *Sobre o Sentido II*, tradução de 2014.

No segundo nível do PGS, das estruturas narrativas, é possível analisar as transformações ocorridas tanto no livro quanto no conto. Nos *Trechos 1 e 2*, observamos o sujeito, nesse caso Brianna, manipulado por outro sujeito, na figura da própria sociedade personalizada em seus preconceitos, por meio da intimidação. O objeto dessa narrativa é a mulher submissa e, quando alcançado, traz como valor o privilégio social.

Trecho 1 (THOMAS, p. 61):

— *Mais uma vez, Brianna não cooperou. Me informaram que ela foi argumentativa e agressiva. Não é a primeira vez que temos problemas de comportamento com ela.*

Lá vamos nós.

— *O que você está tentando dizer? — Pergunta Jay.*

— *O comportamento de hoje segue um padrão...*

— *Sim, um padrão da minha filha ser visada...*

— *Mais uma vez, ninguém está visando...*

— *As garotas brancas que fazem comentários indesejados são enviadas para a sua sala a cada duas semanas também? — Pergunta Jay.*

— *Sra. Jackson, Brianna é frequentemente agressiva...*

Agressiva. Uma palavra. Quatro sílabas. Rima com excessiva.

Trecho 2 (THOMAS, p. 64):

— *Estão sempre no meu pé naquela escola.*

— *Eu sei — diz Jay. — E não é justo. Mas você só vai precisar aguentar mais um ano, flor. Esses incidentes... não podemos correr o risco de você ser expulsa, Bri. Se isso significa que você tem que ficar com a boca calada, preciso que fique.*

— *Não posso me defender?*

— *Você pode escolher suas batalhas — diz ela. — Nem tudo merece um comentário, um revirar de olhos ou uma atitude...*

— *Eu não sou a única que faz essas coisas!*

— *Não, mas as garotas como você são as únicas que recebem anotações no registro permanente!*

Como já citado, existem quatro etapas de análise das estruturas narrativas. Na primeira delas, utilizando os mesmos trechos, temos um exemplo de manipulação pela intimidação. Apesar de Jay se levantar para defender a filha no primeiro trecho, observamos, no segundo, por meio de sua fala para Brianna, um destinador-manipulador coletivo, que impõe os valores hegemônicos da sociedade, exigindo a submissão. Nesse caso, é deixado claro que, caso não haja de acordo com o contrato, a garota não se ajustará à sociedade.

Na segunda etapa, da competência, chegamos aos termos do não-dever-fazer. Para esse contrato de padrão social, é errado agir de certa maneira e fazer aquilo que não é esperado. É nessa etapa que podemos ver a construção da mulher negra agressiva, a preta raivosa, já que o não-dever-fazer é justamente tudo que é associado a esse estereótipo.

A performance, terceira etapa do nível narrativo, é o momento da ruptura com o contrato preestabelecido. Para essa etapa, podemos utilizar como exemplo o trecho 4, observando a discussão com o professor, pois, ao responder algo fora do esperado, Brianna vai contra a estrutura social, quebrando o acordo não-verbal da submissão.

Trecho 4 (THOMAS, p. 61):

“Agressiva” é usado para me descrever com muita frequência. Deveria significar ameaçadora, mas nunca ameacei ninguém. Só digo coisas das quais os professores não gostam. Todos, exceto a Sra. Murray, que por acaso é minha única professora negra. Houve um momento na aula de história durante o Mês da História Negra. Eu perguntei ao professor Kincaid por que nunca falamos sobre as pessoas negras antes da escravidão. As bochechas pálidas dele ficaram vermelhas.

— *Porque nós seguimos um planejamento de aulas, Brianna — disse ele.*

— *É, mas não é você que cria o plano de aula? — Eu perguntei.*

— *Não vou tolerar esse tipo de comentário na aula.*

— *Só estou dizendo para você não agir como se as pessoas negras não existissem antes...*

Ele me mandou ir para a diretoria. Me deu uma advertência por ter sido “agressiva”.

Por fim, chegamos à última etapa, da sanção, que é bem representada pelos trechos 5 e 6. Neles, é possível constatar a perda do prêmio oferecido pelo contrato, ou o castigo, já que, ao descrever Brianna como “marginal do gueto”, vemos a forma que a sociedade a caracteriza no final, levando ao cerceamento de qualquer privilégio.

Trecho 5 (THOMAS, p. 296):

— *Você bancou a marginal do gueto. Sabe quanta publicidade vai conseguir com isso?*

Parece que jogaram um balde de água gelada na minha cara.

Marginal do gueto.

Milhares de pessoas me ouviram agir assim. Outros milhões podem acabar vendo o vídeo. Ninguém vai ligar se a minha vida estava um caos e se eu tinha direito de estar com raiva. Só vão ver uma garota negra do gueto com raiva, agindo como esperavam que eu agisse.

Supreme ri sozinho.

— *Você interpretou bem o papel — diz ele. — Caramba, você arrasou no papel.*

O problema é que eu não estava interpretando. Foi isso que eu me tornei.

Trecho 6 (THOMAS, p. 297):

“Todo mundo só vai ver uma garota preta,

A marginal do gueto que se mete em treta.”

No trecho 7, do conto Maria, vemos um pequeno resumo de todas as etapas do nível narrativo. A manipulação pela intimidação, na forma que os outros passageiros exigem que ela confesse um crime que não cometeu; a competência, em como esperam que ela não reaja aos xingamentos que lhe são direcionados; a performance, exemplificada pela resposta de Maria aos xingamentos e sua tentativa de defesa; e a sanção, quando os passageiros decidem castigá-la e começam a agredi-la.

Trecho 7 (EVARISTO, p. 41):

“Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia

assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. [...] Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! Lincha!...”

Chegamos, então, à última etapa do percurso, no nível das estruturas discursivas. Esse é o nível em que a estrutura da significação ganha em complexidade e em densidade semântica. Ele é o mais importante para o estudo, pois é nesse momento que aparece no discurso os atores (também conhecidos como personagens), que desenvolvem suas ações e mostram suas emoções em um determinado espaço e em uma certa temporalidade. Considerando os trechos utilizados nos outros níveis, é possível separar nossa análise em três momentos: o ponto de vista externo ao narrador, a visão da pessoa oprimida e as consequências do discurso que foge ao padrão.

O primeiro trecho se passa na sala da diretoria da escola de Brianna, logo após o momento em que os doces que ela vendia foram encontrados em sua mochila. Nele, vemos uma discussão entre Jay, mãe de Bri, e a diretora. *“O comportamento de hoje segue um padrão... [...] Sra. Jackson, Brianna é frequentemente agressiva...”* Esse é o primeiro momento, do ponto de vista externo, que mostra como a sociedade enxerga a personagem — uma mulher violenta, apenas porque se impõe em situações de injustiça.

Na cena seguinte, do segundo trecho, vemos o que esse ponto de vista pode causar, caso haja o desejo pela sujeição ao contrato e a busca pelo prêmio do privilégio: Jay, que também é uma mulher negra, pede para que a filha se silencie nos momentos de opressão, pois a expulsão da escola representaria o desvio de um futuro em que Brianna é bem sucedida — considerando, nesse caso, que o sucesso está intimamente atrelado à conformidade com o sistema, e a falta dele é a sanção sofrida pela quebra do acordo. *“...não é justo. Mas você só vai precisar aguentar mais um ano, flor. Esses incidentes... não podemos correr o risco de você ser expulsa, Bri. Se isso significa que você tem que ficar com a boca calada, preciso que fique.”* Temos, então, o ponto de vista de outra pessoa que, ao mesmo tempo em que entende o erro na opressão, acredita que é preciso se encaixar para fazer parte da sociedade e não sofrer as sanções.

Para o segundo momento, temos os exemplos dos trechos 3 e 4, que mostram a visão de Brianna sobre toda a situação. No terceiro trecho, a personagem mostra a consciência de que recebe um tratamento desigual, refletindo sobre a estrutura que a cerca,

não apenas por ser mulher, mas pela cor de sua pele. Ela fala que mulheres brancas com as mesmas atitudes não sofrem as mesmas sanções, dando exemplos, e demonstra sua insatisfação com essa diferenciação.

Trecho 3 (THOMAS, p. 223):

As garotas brancas não são mandadas para a diretoria por comentários maldosos. Droga, já vi acontecer com meus próprios olhos. Elas recebem um aviso. Mas sempre que eu abro a boca e digo uma coisa de que meus professores não gostam, sou mandada para a diretoria.

Aparentemente, as palavras são diferentes quando saem da minha boca. Soam mais agressivas, mais ameaçadoras.

Enquanto isso, no quarto trecho, é possível observar um complemento dessa constatação, já que, em sua discussão com o professor, vemos uma situação cotidiana que seria facilmente relevada em outras circunstâncias. *“Ele me mandou ir para a diretoria. Me deu uma advertência por ter sido “agressiva”.*” Temos os trechos ligados pela utilização da palavra “agressiva”, enfatizando a reincidência de seu uso com a personagem.

O terceiro momento, das consequências, é devidamente ilustrado pelos últimos trechos. Na cena do trecho 5, Brianna conversa com Supreme, antigo agente de seu pai, sobre o sucesso de sua música. *“Você bancou a marginal do gueto. Sabe quanta publicidade vai conseguir com isso? — Parece que jogaram um balde de água gelada na minha cara.”* Já no sexto trecho, lemos dois versos de música escritos por Brianna para falar sobre seus sentimentos a partir dessa conversa. *“Todo mundo só vai ver uma garota preta, A marginal do gueto que se mete em treta.”* Apesar de seguir emitindo suas opiniões após falar com sua mãe e ter consciência das injustiças sociais pelas quais passa, a personagem só entende neste momento a profundidade do resultado de não se calar diante o sistema: a perda de seu prêmio de privilégio e o julgamento da sociedade por fugir ao padrão imposto.

Maria, no trecho 7, também demonstra bem as consequências do discurso que foge ao padrão. Para os outros passageiros do ônibus, a conclusão de que Maria estava junto aos assaltantes é incontestável, e é possível ver a contribuição da cor de sua pele para essa dedução nos xingamentos utilizados, como “negra safada”. De forma mais visceral, já que não se trata de uma narrativa voltada ao público jovem, vemos a brutalidade do que pode acontecer quando a mulher negra, da qual é esperada a submissão, se levanta contra a injustiça, na parte do trecho em que ela diz que “não deve satisfações a ninguém” e é recebida com pedidos de linchamento e agressões até a morte. *“A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou:*

Lincha! Lincha! Lincha!...” Com facilidade, Maria é desumanizada e vista como inferior, sendo negado o seu direito à justiça.

Apesar de os objetos de estudo se tratarem de narrativas ficcionais, é possível fazer um paralelo com o contrato que, de fato, rege a sociedade. Como consequência da segregação racial, vinda do período colonial, e da discriminação de gênero, baseada nos ideais patriarcais que nos acompanham desde a antiguidade, vemos, cotidianamente, circunstâncias similares às passadas por Brianna e Maria. Silenciamento, inexistência em cargos de importância, desigualdade de salário, violência obstétrica e até assassinato são alguns dos exemplos, comprovados por meio de estudos censitários e publicações jornalísticas, de situações que demonstram essa diferenciação em comparação àqueles considerados o padrão social. Por esse motivo, existem mulheres, como Jay, que aprendem desde a infância a silenciar suas angústias, adoecendo emocionalmente e fisicamente para se encaixar no que é esperado, e mulheres como Brianna e Maria, que se rebelam contra esse sistema, apenas sendo elas mesmas, e são julgadas negativamente e rejeitadas pela sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar assuntos sociais em estudos científicos é sempre uma tarefa delicada, principalmente quando tratamos do preconceito e das opressões vigentes. Além de exigir um cuidado específico com as fontes de estudo e as formas de expressão utilizadas, é preciso, também, encontrar caminhos para chegar ao estado eufórico, a liberdade, tanto utilizado por Greimas em seus estudos.

Diante do que foi exposto nesta análise, é possível afirmar que a mulher negra se encontra na base de uma sociedade desigual que exige, diariamente, a adequação a sistemas seculares de opressão. Assim, precisa escolher se conformar com esse sistema ou lutar constantemente contra ele, o que faz com que normas particulares sejam criadas pelas próprias mulheres negras e repassadas por gerações para lidar com essa situação. Uma dessas normas, como pudemos ver nas seções anteriores, é a adequação da comunicação para um formato submissivo.

O caminho possível para o fim dessas diferenças seria a busca por uma sociedade igualitária, o que pode ser feito de diversas formas, começando, inclusive, nas pequenas atitudes cotidianas. É preciso falar mais sobre o assunto, tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele. O conhecimento e a consciência social dessa desigualdade nos leva ao questionamento diário de nossos comportamentos e ao impulso em direção à equidade.

Além disso, a linguagem é um imenso instrumento que pode alterar toda a sociedade, mas foi, em diversas ocasiões, construída em bases de violência. Por esse motivo, é fundamental que seja constantemente reexaminada e, quando necessário, retificada, a fim de alcançar uma sociedade justa. Utilizando disciplinas linguísticas, como a semiótica discursiva, se torna possível realizar esse movimento.

Podemos concluir, então, que os estudos fornecidos por este artigo servem tanto para analisar, de forma mais profunda, essas estruturas, quanto para servir como base de outros estudos que nos aproximem, cada vez mais, de um momento em que servirão apenas como uma documentação histórica de um passado que não existe mais.

6. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo Estrutural**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Preconceito e intolerância em gramática do português**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). *A fabricação dos sentidos - estudos em homenagem a Izidoro Blisktein*. São Paulo: Humanitas, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. Portal Geledés, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-d-avis/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o Sentido II**. 1ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

JARDIM, Suzane. **Reconhecendo estereótipos racistas na mídia norte-americana**. Medium, 2016. Disponível em: <https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estereotipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

Contatos: leticiagbs@gmail.com e alexandre.bueno@mackenzie.br